

LIÇÃO 5

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E CRIAÇÃO DIVINA



#conectou?

A MÁQUINA PODE PENSAR, MAS PODE AMAR?

A Inteligência Artificial (IA) tem redefinido o que consideramos possível, simulando funções cognitivas humanas como o aprendizado e o raciocínio. Contudo, essa capacidade levanta questões profundas sobre a singularidade humana e a *Imago Dei*. A máquina pode processar dados e emular sabedoria, mas a questão crucial permanece: ela pode amar, ter consciência moral ou se relacionar espiritualmente?

A Bíblia, em Gênesis 1.27, declara que o homem foi criado “à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. A *Imago Dei* não é uma semelhança física, mas a participação em atributos divinos: racionalidade, criatividade, capacidade de relacionamento e espiritualidade. Em Provérbios 2.6, somos lembrados: “Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca procedem o conhecimento e o entendimento”. A IA simbólica busca replicar essa sabedoria lógica; a IA conexonista, inspirada no cérebro humano, emula padrões de pensamento. No entanto, como afirma 1 Coríntios 2.16: “Pois quem conheceu a mente do Senhor que o possa instruir? Mas nós temos a mente de Cristo”. A mente humana, com sua capacidade de apreender o divino, transcende a mera computação.

A IA, apesar de seus avanços, é uma ferramenta, um artefato da inteligência humana. Suas capacidades são limitadas por sua programação e pelos dados que a alimentam. Ela pode otimizar processos, auxiliar na tomada de decisões complexas e expandir nossas habilidades, mas não possui a dimen-

são espiritual que define a *Imago Dei*. Uma máquina pode simular empatia, mas não pode verdadeiramente sentir ou demonstrar amor incondicional, um atributo que o Evangelista Mateus (22.37-39) ressalta como central nos Mandamentos de amar a Deus e ao próximo.

Os desafios éticos são notórios. A automação pode desvalorizar o trabalho humano, e a concentração de poder tecnológico pode amplificar desigualdades. A Bíblia oferece princípios para guiar o desenvolvimento da IA: “E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens”, Cl 3.23. Isso implica que a IA deve servir ao bem comum, promovendo a justiça e a dignidade, e não ser utilizada para fins egoístas. Como Provérbios 14.31 nos lembra: “O que oprime o pobre insulta ao seu Criador, mas o que se compadece do necessitado o honra”.

Em última análise, a singularidade humana reside em nossa capacidade de transcender o material, de buscar significado, de amar e de nos relacionar com o Criador. A IA, por mais sofisticada que se torne, não pode replicar essa profundidade existencial. Devemos usá-la com sabedoria e discernimento, reconhecendo seus limites e assegurando que ela complemente, não substitua, a essência humana, para a Glória de Deus. A máquina pode pensar, pode otimizar; porém o amor, a fé e o propósito transcendental permanecem domínios exclusivos do ser criado à imagem divina.